



O SIGNWRITING COMO RECURSO PARA REGISTRO DE SINAIS ACLIMATADOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Ricardo Oliveira Barros

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar discussões sobre o uso do SignWriting (doravante SW) por tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais e português (TILSP) com a finalidade de registrar sinais aclimatados em sala de aula. O sistema em questão, idealizado em 1974 pela americana Valerie Sutton, utiliza símbolos visuais para representar os parâmetros fonológicos das línguas de sinais (SUTTON, 2009). Dessa forma, objetivando comprovar a utilidade do sistema para a atividade do TILSP e a contribuição deste para o processo de aprendizagem do surdo, realizou-se um estudo de caso com uma aluna surda adulta, proficiente na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, a qual tem um conhecimento satisfatório da língua portuguesa e estava matriculada em uma faculdade particular da cidade de São Luis, Maranhão no curso de Licenciatura em Educação Física. A discente revelou dificuldade em memorizar sinais aclimatados em sala de aula. Nesse sentido, na tentativa de ajudá-la, os termos passaram a ser registrados em um diário de campo por meio do SW, em fotocópias do material de estudo da aluna, e posteriormente em softwares de edição de texto em escrita de sinais. Notou-se que a aluna mostrou uma boa aceitação do sistema; bem como que os registros dos sinais aclimatados se tornaram materiais de estudo; e, portanto, que o SW é um rico recurso a ser explorado por tradutores intérpretes de LIBRAS em salas de aula onde há alunos com surdez inclusos.

Palavras chave: Signwriting. Escrita. Libras. Interpretação.

O SIGNWRITING COMO RECURSO PARA REGISTRO DE
SINAIS ACLIMATADOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Ricardo Oliveira Barros



1 Introdução

A partir da década de sessenta, com os estudos do linguista americano William Stokoe, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas como línguas naturais em vários países; no Brasil, isto se deu oficialmente por meio da lei federal 10.436/2004. Reconhecer a língua brasileira de sinais (LIBRAS), como meio de expressão da comunidade surda do país, proporcionou muitos avanços aos surdos, incluindo o acesso à educação nos seus mais diferentes níveis, com direito a receber instrução na língua com a qual se identifica – para muitos surdos, a língua de sinais. Desde então, os surdos no Brasil podem estudar em classes regulares inclusivas com a presença de um tradutor intérprete de LIBRAS e língua portuguesa (doravante TILSP) que exerce a função de mediar as relações entre surdos, professores e demais alunos na sala de aula.

Nesse contexto educacional, não raro, o educando surdo se depara com ideias que desconhece, palavras e conceitos que embora possam ser usuais aos alunos ouvintes, são inteiramente novos para ele. Isto se dá, dentre outros motivos, por conta da carência de informações em língua de sinais com a qual o surdo convive. Considerando que o TILSP é uma referência para o surdo, um modelo condutor da aprendizagem, através do qual o surdo busca informações imediatas na sala de aula, nesses casos, recai sobre este profissional a responsabilidade de apresentar ao aluno com surdez, em LIBRAS, essas novas ideias (LACERDA, 2009, p.30). Somando-se a isso, o professor regente, muitas vezes, estar despreparado para educar um aluno com surdez e, portanto, não realiza adaptações na metodologia que utiliza



visando auxiliar o entendimento deste aluno e compensando a escassez de referentes.

Quando em níveis de ensino que envolve áreas de conhecimento mais específicas ou técnicas a carência de informações em língua de sinais é mais evidente. Assim sendo, o TILSP percebe a necessidade de, por conta própria, buscar e catalogar termos na língua de sinais característicos da área que na qual está atuando. Dessa forma, o TILSP forma um “conjunto das unidades de expressão e comunicação que permitem transferir o pensamento especializado” (DIAS, 2000, p.90), isto é, uma terminologia.

Ter uma terminologia à disposição é muito importante para o trabalho do TILSP; facilita a comunicação com o aluno surdo, e agiliza o processo de interpretação dos enunciados em sala de aula. Falando sobre esta importância Dias comenta:

Em um contexto mais genérico, a terminologia representa o conhecimento técnico-científico especializado de forma organizada, por meio de manuais e glossários, e unifica esse conhecimento sob a forma de normas e padrões. Sem a terminologia, os especialistas não conseguiriam se comunicar, repassar seus conhecimentos, nem tampouco representar esse conhecimento de forma organizada. (DIAS, 2000, p.91).

Porém, algumas vezes, o TILSP constata a ausência destes termos na língua de sinais, isso ocorre devido ao fato de a língua desenvolver itens lexicais apropriados às situações em que são usados, ou seja, o déficit de acesso a informações em LIBRAS acaba afetando a língua, que não possui um rol extenso de palavras para novos conceitos, este fenômeno é natural. À medida que os surdos têm acesso a áreas de conhecimento que anteriormente

não tinham, a língua se expande para suprir a necessidade de novos significantes. (QUADROS e KARNNOP, 2004, p.35)

Para que esta expansão aconteça na língua de sinais, o trabalho do TILSP com a terminologia passa a ser mais do que de coleta de termos já existentes, e numa ação conjunta com o aluno(a) surdo(a), trata-se, também, da criação de novos termos. Para tanto, comumente recorrem ao procedimento de tradução conhecido como “aclimatação”, que segundo Santiago (2012) é o:

“...processo pelo qual os empréstimos linguísticos são adaptados à língua, [...]. Isso acontece por que comumente novos termos em português e seus conceitos são apresentados aos alunos surdos durante as aulas e os intérpretes de Libras acabam por recorrer à aclimatação, criando sinais para estes termos com o uso da inicialização, por causa da sua recorrência durante o semestre ou ano letivo, esses novos sinais em geral carregam as iniciais ou sigla para facilitar ao aluno recordar a palavra em português.” (p. 48, 49)

Como dito, a aclimatação se vale da “inicialização” para cunhar novos sinais. Este processo é assim denominado porque os sinais aclimatados costumam apresentar uma forma de mão pertencente ao alfabeto manual que corresponde à primeira letra da palavra relativa em língua portuguesa. Desta forma, espera-se facilitar a memorização do sinal e da palavra em Português por parte do aluno e do intérprete. Mas para assegurar que o novo sinal seja recordado, muitos TILSP recorrem ao registro deste sinal em um banco terminológico ou glossário.

O registro do sinal após a aclimatação é de extrema relevância, visto que além de garantir a lembrança do sinal, auxiliará futuros profissionais que por ventura venham a atuar em área semelhante, e além disso, servirá de



material de estudo para o aluno surdo. Assim nota-se a contribuição que a tradução/interpretação pode oferecer à terminologia, e como esta última é uma atividade de apoio ao trabalho do TILSP.

No caso dos termos em língua de sinais, há que se pensar na forma como este registro se efetivará. Para registrar sinais, vários autores de dicionários e manuais de LIBRAS recorrem ao uso de fotos ou desenhos do sinal sendo executado com setas que indicam o movimento a ser realizado, não raro nesses casos, segue-se uma descrição dos detalhes do sinal em língua portuguesa. Outros recorrem ao vídeo registro, neste método o sinalizador é filmado executando determinado sinal ou grupo de sinais, este vídeo é editado inserindo-se legendas em língua portuguesa, e disponibilizado via internet; ou ainda pode ser utilizado na interface de glossários virtuais em CD-ROM. Alguns dos adeptos do vídeo registro propõem que haja uma ampliação do conceito de escrita, abrangendo o vídeo, por conta da diferença de modalidade entre línguas sinalizadas e oralizadas (MARQUES E OLIVEIRA, 2012, p.6).

2 Sistemas de notação e escrita para as línguas de sinais

A diferença de modalidade citada anteriormente refere-se ao fato de a língua de sinais utilizar os movimentos no espaço para expressar ideias que são captadas pelos olhos, ao passo que as línguas orais utilizam respectivamente a boca e o ouvido. Por causa desta discrepância entre as línguas e da dificuldade de representar simbolicamente uma língua que é tridimensional, como a LIBRAS, por muito tempo se acreditou que não havia como escrevê-las. Ainda assim, no decorrer da história muitos sistemas foram

idealizados com o objetivo de suprir a carência de caracteres que pudessem representar adequadamente no papel o que era sinalizado.

Alguns destes sistemas foram: o sistema de notação de Stokoe, utilizado nos seus estudos, tinha como fim o uso em trabalhos científicos, não a utilização pela comunidade em geral, e utiliza principalmente o alfabeto latino, e a escrita é linear; a notação de François Xavier Neve, um pouco mais complexa que a de Stokoe, mas derivada desta; o Hamnosys, sistema idealizado na Alemanha em 1989, possui símbolos visualmente mais próximos das características reais das formas das mãos, mas há limitações quanto à representação das expressões não manuais, e a escrita ainda é linear; o sistema D'Signe de Paul Jouison, criado para a língua de sinais francesa, tinha a ambição de ser mais do que um sistema de notação, mas sim uma forma de escrita para uso comum (STUMPF, 2005, p.47-51).

Em todos os sistemas mencionados, há uma preocupação em representar adequadamente os parâmetros de um sinal, isto é, as formas das mãos (configurações de mãos), os movimentos, as localizações onde se realizam os sinais, a orientação das palmas das mãos e as expressões faciais e corporais. Porém, enquanto na sinalização estes aspectos emergem simultaneamente, nas escritas acima citadas o que se nota é uma linearidade na forma como são apresentados, aparecendo um por vez; e alguns destes sistemas utilizam símbolos de alfabetos de línguas orais.

Na década de 70 surge o SW. De acordo com Stumpf (2005, p.51), o SW foi criado por Valerie Sutton que atualmente coordena o Deaf Action Committee (DAC) nos Estados Unidos. Surgiu na Dinamarca, inicialmente como um sistema para escrever movimentos de dança chamado *Dance Writing*. No



entanto, chamou atenção de pesquisadores de línguas de sinais e posteriormente evoluiu para a escrita de destas línguas.

Diferente dos sistemas já aludidos, este tem um conjunto de símbolos próprios que lembram visualmente os parâmetros dos sinais, o que facilita sua leitura. A escrita pode ser feita em orientação horizontal ou vertical. A verticalidade permite a representação clara de marcações espaciais próprias da sintaxe utilizada pelas línguas de sinais. Há símbolos de pontuação, e símbolos que descrevem o modo e a intensidade dos movimentos. Este sistema pode servir para escrever quaisquer língua de sinais no mundo, sendo que cada língua precisa fazer adaptações da escrita aos seus padrões de sinalização. Ao longo do tempo, o SW vem sofrendo mudanças que visam simplificar e facilitar a leitura e a escrita das línguas de sinais.

Este artigo trata do SW como um importante recurso para registro de sinais aclimatados no contexto educacional, refletindo na capacidade de exploração de todos os aspectos linguísticos das línguas de sinais. Nesse sentido, traz reflexões sobre a utilidade do SW para TILPS e para estudantes surdos, bem como buscará expor ponderações sobre a aceitação do sistema por parte destes.

3 Metodologia

A pesquisa da qual trata este artigo, foi um estudo de caso. De acordo com Chizzotti (2006, p.136), esta é uma estratégia de pesquisa bastante comum na atividade educacional, e “constitui-se em uma busca intensiva de dados de uma situação particular, de um evento específico ou de processos



contemporâneos, tomados como ‘caso’”, com o objetivo de compreendê-lo, descrevê-lo, avaliar resultados de ações, transmitir isso a outros e instruir tomadas de decisões.

O caso em questão é um evento: o uso do SW para registro de sinais aclimatados em um curso de graduação em Licenciatura em Educação Física, em uma faculdade da rede particular em São Luis do Maranhão.

Participou desta investigação uma aluna surda, na época com 24 anos, que possui um bom domínio da LIBRAS, conhecimento satisfatório da língua portuguesa, e até então desconhecia o sistema SW. Matriculada em um curso da área de saúde, revelou dificuldade em memorizar termos técnicos de disciplinas específicas como anatomia sistêmica, e biologia celular; e embora criasse – com o auxílio do intérprete - sinais para os novos conceitos, esbarravam no obstáculo de relacionar o sinal à palavra portuguesa relativa, e de memorizar um grande número de termos nas duas línguas.

Dentre as diferentes formas de registro disponíveis se optou pelo SW devido à sua praticidade. Utilizar registro por foto ou desenho não se mostrou interessante para este trabalho já que tal método demanda o uso de equipamentos, como computadores para formatação de texto com fotos, o que não estava disponível em sala de aula. Além disso, segundo Sofiato e Reily (2014, p.159) as imagens de sinais em dicionários e manuais da LIBRAS não são claras e seria necessário recorrer à descrição em língua portuguesa para o entendimento claro do sinal, isso demandaria mais tempo do que se dispunha.

O vídeo registro poderia ser feito com as câmeras dos celulares e editados para a inserção de legendas nos próprios aparelhos, mas se pensou



até que ponto isso ajudaria na compreensão – mais do que memorização – do conceito relacionado ao termo em língua de sinais, e chegou-se à conclusão de que seriam apenas sinais soltos ligados a palavras em língua portuguesa.

Nesse contexto, o sistema SW possui vantagens: é necessário apenas lápis e papel, não se gasta tempo nem recursos demais para escrever, e é possível colocar a escrita junto a imagens que auxiliassem a estabelecer a relação entre sinal, palavra em português e conceito. Diante disso, decidiu-se a favor do SW.

A pesquisa seguiu as seguintes etapas: (i) pesquisa da escrita dos sinais; (ii) anotação dos sinais em um diário de campo; (iii) escrita dos sinais no material de estudo; (iv) entrevista com a aluna surda; e, (v) registro dos sinais no SignPuddle.

4 Resultados e discussões

Diante da dificuldade da aluna em memorizar os sinais aclimatados, o TILSP apresentou à surda o SW e passaram a registrar os novos sinais em um diário de campo, colocando a escrita do sinal ao lado do termo relativo em português (Figura 1). Além disso, se disponibilizou a ela o *e-book* “Lições sobre o SignWriting” de Valerie Sutton com tradução e adaptação de Mariane Rosi Stumpf, para o aprendizado do sistema.



Figura 1 - Anotações de sinais aclimatados em diário de campo.

Observou-se que, embora não dominando a escrita de sinais, a aluna reconhecia os símbolos e conseguia ler e copiar sinais satisfatoriamente, o que revela conforto diante da nova escrita que respeita as especificidades da língua de sinais. Tal situação converge com a pesquisa de Stumpf (2005) que relata:

Em minhas aulas experimentais observei que depois que as crianças aprendem os símbolos da escrita da língua de sinais, aparecem muitas ideias e variações na sua escrita, pois cada um está à vontade para expressar seu pensamento, sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da língua oral, que procura, e não encontra, quando encontra não sabe bem se era aquela a palavra certa. (STUMPF, 2005, p.44)

No entanto, ainda havia um entrave ao se associar o termo registrado ao conceito, o significante ao seu significado. Na tentativa de resolver essa questão, passou-se a registrar os sinais pelo sistema SW, em fotocópias dos

materiais de estudo da aluna, do seu atlas de anatomia e dos slides das aulas de biologia celular, o que permitiu que o conceito apresentado pela imagem, o termo Português e o termo em LIBRAS estivessem juntos no mesmo papel (Figura 2). Essas anotações acabaram suprimindo a falta de materiais de estudo em língua de sinais e foram muito úteis, visto que nas atividades e provas se exigia que a aluna escrevesse os termos em língua portuguesa. Desse modo, o material produzido contribuiu para a memorização dos novos termos e para associação entre conceito, sinal e palavra em língua portuguesa.

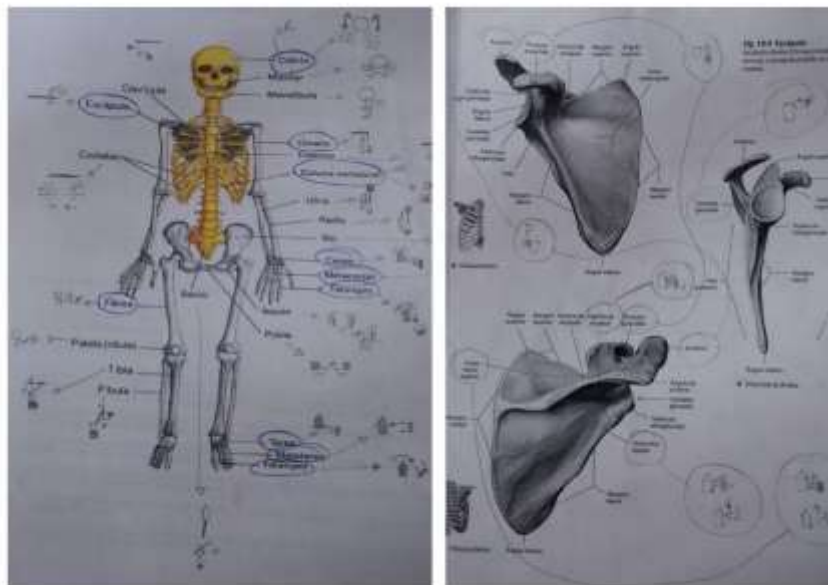


Figura 2 - Anotações de sinais em fotocópias do material de estudo da aluna.

Em entrevista, a aluna foi questionada sobre o que pensava do uso do SW. A resposta foi:

“Gostei muito dos desenhos dos sinais, foi a primeira vez que eu vi, o intérprete me ajudou mostrando como fazer os desenhos e é legal, embora as vezes seja difícil. É melhor para estudar, por que me ajudo a aprender melhor os sinais que eu criava, também por que eu não conhecia muitas palavras da anatomia, aí aproveitei.” (tradução nossa)

O SIGNWRITING COMO RECURSO PARA REGISTRO DE
SINAIS ACLIMATADOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Ricardo Oliveira Barros

Chama atenção o modo como ela se refere à escrita de sinais, como “desenho”. É importante ressaltar que de acordo com Wanderley (2015, p.66) “a escrita de sinais não é como a ideografia que representa o objeto concreto com o desenho”, isto é, o SW representa os parâmetros fonológicos do sinal, não é uma representação do referente concreto. Salienta-se ainda que, no caso em estudo, não aconteceu um processo de letramento em SW de forma a conscientizá-la do status deste sistema como escrita, o que houve foi uma pesquisa rápida quanto ao funcionamento do sistema. Isso expõe uma grande necessidade de divulgação deste sistema em todo o Brasil, e mais especificamente no estado do Maranhão. É também evidente que são necessárias pesquisas sobre o ensino de SW para surdos adultos, considerando suas especificidades.

Por meio deste estudo, notou-se, assim, a boa aceitação do SW como recurso para a memorização de termos na língua portuguesa, ainda que se esperasse um estranhamento e talvez rejeição por parte da surda. De acordo com PEREIRA e FRONZA:

A possibilidade de utilizar um sistema gráfico especialmente adaptado para servir como “escrita” direta da língua de sinais por pessoas surdas esbarra, principalmente, no preconceito social e cultural. Esse preconceito não é exclusivo das pessoas surdas, mas acompanha qualquer grupo lingüístico que possua menor prestígio diante da sociedade majoritária e, de modo especial, aqueles que não possuem linguagem escrita. (PEREIRA e FRONZA, 2008, p.1)

Vale destacar que línguas orais também passam pela mesma questão de não possuírem uma escrita que tenha evoluído simultaneamente à fala. A exemplo cita-se a língua coreana. Esta língua não possuiu um sistema próprio



de escrita por mais de mil anos, os intruídos escreviam utilizando caracteres chineses enquanto que o povo comum não tinha como se expressar por escrito.

Ao longo dos anos, todas as tentativas de desenvolver um sistema de escrita para o coreano baseava-se nos mesmos caracteres estrangeiros, até que em 1446 concluiu-se um projeto idealizado pelo Rei Sejong que criou um alfabeto de 28 letras, chamado de *hangul* ou *hankul*. Somente depois de 400 anos de criação do *hangul* é que este passou a ser utilizado em documentos oficiais. (ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 2002, p.12) A situação do *hangul* é muito semelhante à do SW, quando surgiu passou por preconceitos assim como acontece hoje com relação a escrita de sinais. Além disso, o status de escrita oficial ainda não foi alcançado pelo SW no Brasil.

Essa condição atual da escrita de sinais, poderia contribuir negativamente para a aceitação do sistema SW por parte da aluna surda. No entanto, mesmo já habituada a escrever com um alfabeto estrangeiro, a discente aceitou o sistema de bom grado, julgando-o vantajoso para a sua formação.

Pensando-se nas futuras demandas da área, e na necessidade de produzir fontes de pesquisas para TILSP que futuramente atuem no mesmo âmbito, os sinais passaram então a ser escritos de forma digital utilizando o *software* SignPuddle, um banco de dados virtual on-line de sinais escritos na língua de sinais (Figura 3).

Além disso, essa ferramenta conta com opções de tradução da língua portuguesa para SW e editor de texto. Está disponível em <http://www.signbank.org/signpuddle2.0>. Arquivar os sinais aclimatados neste banco de dados permite futuras pesquisas terminológicas na área.



Figura 3 - Interface do SignPuddle.

5 Conclusão

De acordo com Capovilla e Capovilla (2002, p.147), “só a inclusão da escrita visual direta de sinais é capaz de elevar a educação e formação da criança surda ao status do bilingüismo pleno”, visto que ele quebra a descontinuidade gerada pela exigência da escrita da língua oral. Isso significa que o surdo pode pensar, falar e escrever em uma só língua (no Brasil, LIBRAS).



Os autores ainda defendem que o SW é uma forma satisfatória de escrita de sinais haja vista que preserva as características tridimensionais das línguas de sinais registrando com precisão suas propriedades fundamentais, tais como o uso do espaço da sinalização, referentes dêiticos e anafóricos. Este sistema é flexível e permite que um mesmo sinal seja escrito de várias formas. Tal singularidade, no entanto, não confunde o leitor que ao ler qualquer uma das opções sinaliza da maneira correta e não impede um processo de padronização.

O léxico da língua de sinais se expande à medida que os surdos adquirem mais conhecimento em ambientes que antes não frequentavam, áreas antes não estudadas por surdos e, portanto carentes de sinais específicos, e é de suma importância que essa expansão seja registrada.

O TILSP em contextos educacionais pode recorrer ao SW como um recurso vantajoso ao registrar os sinais aclimatados na sala de aula. Os surdos são beneficiados com esse registro, visto que passam a produzir material de estudo na sua língua natural. Estudar os termos aclimatados e registrados possibilita ao aluno revisar o conceito ligado à palavra e ao sinal, o que influencia o seu rendimento em sala. E finalmente, registrar estes termos num banco de dados virtual como o Sign Puddle, permite que outros profissionais tenham uma fonte de pesquisa terminológica.

Nesta experiência percebeu-se que a educanda aceitou e compreendeu com facilidade esta escrita e que esta metodologia na interpretação foi de grande valor ao trabalho do TILSP, porém destacamos que os resultados que emergiram desta pesquisa inicial não generalizam todas as



experiências com a escrita de sinais, mas podem servir de orientação e esclarecimentos para outras pesquisas.

Referências

- ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Aprenda a escrever em hangul. *Desperta!*, Cesário Lange, v. 09, n.09, p. 12-14, 08 de maio de 2002.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. Escrita de sinais sem mistérios. Gráfica O Lutador. Belo Horizonte. 2012.
- CAPOVILLA, F.C.; CAPOVILLA, A.G.S.; Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, v.8, n.2, p.127-156, Marília, Jul.-Dez. 2002,
- CARVALHO, A. F. de ; MARTINS, V. R. O. Posição-mestre e função-educador: relações ativas no ato de interpretação da língua brasileira de sinais em contexto de ensino. *Políticas Educativas*, v. 7, p. 1-20, 2014.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- DIAS, C.A.; Terminologia: conceitos e aplicações. *Ci. Inf.*, v. 29, n. 1, p. 90-92, Brasília, jan./abr. 2000.
- LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua Brasileira de Sinais: Investigando Aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- PEREIRA, M., FRONZA, C. (sd). Sistema signwriting como uma possibilidade na alfabetização de pessoas surdas. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 7, 2006, Pelotas, RS. MATZENAUER, Carmen L. B. Et al (Orgs). Pelotas: EDUCAT, 2008. Disponível em : <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/3.pdf>>. Acesso em 05 de março de 2016.
- QUADROS, R. M. de.; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- RIBEIRO, G. C. B. Tradução técnica, terminologia e linguística de corpus: a ferramenta WordSmith Tools. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v.2, n.14, p.159-174, 2004. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/437>. Acesso em: 08 mar.2016.

- SANTIAGO, V. de A. A. Português e Libras em Diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, N. de A.; SANTIAGO, V. de A. A. Libras em estudo: Tradução e interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.
- SOFIATO, C.G.; REILY, L. Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens. In: LACERDA, C. B. F. de.; SANTOS, L. F. dos. Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.
- STUMPF, M. A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. EDUNISC. Caxias do Sul. 2005
- STUMPF, M. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005.
- SUTTON, V. Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução e adaptação: STUMPF, M. R.; COSTA, A. C. da R. S/D. Disponível em <<http://rocha.c3.furg.br/arquivos/download/licoes-sw.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2009.
- WANDERLEY, D.C. A leitura e escrita de sinais de forma processual e lúdica. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

Identificação do Autor

RICARDO OLIVEIRA BARROS



Graduando de Bacharelado em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do grupo de pesquisa em Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) coordenado pela professora Maria Nilza Quixaba. Atuou como tradutor/intérprete educacional no Instituto Federal do Maranhão e em instituições de ensino superior da rede particular de São Luis; atualmente é tradutor/intérprete de Libras na Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão e instrutor de Libras em instituições privadas.

E-mail: ricardo.oliveira.barros@live.com
<http://lattes.cnpq.br/2469227544561641>